

Quatro dias de drama

MURILO FIUZA DE MELO

O desempregado Carlos Renato de Paiva, de 25 anos, nunca mais vai esquecer o dia 6 de junho de 1994. Naquele dia, num périplo de horror, Renato percorreu cinco hospitais públicos em busca de socorro para o pai, o aposentado Antônio Natalino, de 55 anos. Vítima de um derrame, Natalino morreria no primeiro minuto do dia 7, sem jamais ter sido atendido por um médico. "Meu pai foi tratado pior do que cachorro", lembra Renato, que se inclui entre os 48% dos cariocas entrevistados pelo Instituto Gerp que indicaram a saúde como problema mais grave.

O drama na família Paiva começou na sexta-feira, dia 3, quando o aposentado foi levado às pressas para o Hospital Rocha Faria, em Campo Grande. Diagnóstico: derrame. Internado na CTI, ficou todo o fim de semana sem sequer ser examinado por um enfermeiro. "Os médicos passavam por ele e só olhavam. Ninguém fazia nada", conta o filho. Na segunda-feira, o quadro de Natalino era crítico. Foi quando os médicos autorizaram Renato a transferi-lo para outra unidade. Mas a transferência tinha que ser por conta própria: não havia ambulância no hospital.

Périplo inútil - "Consegui uma ambulância com um político daqui de Campo Grande e levei meu pai para a Clínica de Irajá, mas lá explicaram que não tinha vaga", diz Renato. A resposta seria a mesma nos hospitais Salgado

Filho, Andaraí e Pedro II, onde, sem atendimento, Natalino acabaria morrendo, segundo o atestado de óbito, por "acidente vascular encefálico e insuficiência cardio-vascular".

Desde o ano passado Renato move dois processos: um, no Conselho Regional de Medicina, contra o médico Eduardo Gomes de Oliveira - chefe da equipe de plantão do Rocha Faria, no dia em que Natalino deu entrada - e outro, na Justiça, para obter uma indenização do Estado.

A determinação de Renato é a mesma do pedreiro José Luís Faria, de 36 anos, e de sua mulher, Maria da Penha Souza, de 39. Mas as histórias são diferentes. Moradores do Conjunto Amarelinho, em Irajá, o casal é vítima direta da violência que atinge a cidade e que, segundo o Gerp, é apontada por 18% dos cariocas como segundo maior problema da Região Metropolitana do Rio, depois da saúde. O casal não perdeu as esperanças de ver na cadeia o autor do disparo que tirou a vida do filho Maicon de Souza, de apenas 2 anos.

Maicon foi morto no dia 15 de abril do ano passado com uma bala na cabeça em meio a uma perseguição policial a traficantes na favela. Segundo os pais do menino, o tiro teria saído da arma de um policial do 9º Batalhão de Polícia Militar (Rocha Miranda). Na hora da morte, Maicon, que sonhava ser policial, brincava no quintal da própria casa.